

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A SAGA DO FENÔMENO:
RONALDO, MÍDIA E A INVERSÃO DA SAGA CLÁSSICA
DO HERÓI**

RAFAEL NORONHA DO RÊGO MONTEIRO

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A SAGA DO FENÔMENO:
RONALDO, MÍDIA E A INVERSÃO DA SAGA CLÁSSICA
DO HEROI**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

RAFAEL NORONHA DO RÊGO MONTEIRO

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A saga do fenômeno: Futebol, mídia, Ronaldo e a inversão da saga clássica do herói**, elaborada por Rafael Noronha do Rêgo Monteiro.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Patrícia Cecília Burrowes
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

MONTEIRO, Rafael Noronha do Rêgo.

A saga do fenômeno: Ronaldo, mídia e a inversão da saga clássica do herói. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: William Dias Braga

MONTEIRO, Rafael Noronha do Rêgo Monteiro. **A saga do fenômeno: Ronaldo, mídia e a inversão da saga clássica do herói.** Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como o jogador Ronaldo Nazário de Lima, conhecido como Ronaldinho ou apenas Ronaldo, soube utilizar a mídia que o cercava para se colocar entre os maiores atletas da história e, também, como ele inaugurou um contexto global do esporte que promoveu a inversão da saga clássica do herói. Para isso, o trabalho se debruça sobre construções sociais midiáticas da época em que o atleta em questão atuava, especialmente reportagens publicadas em veículos da mídia impressa. Faz-se também uma contextualização do período histórico estudado e de como ele também influenciou a história do objeto de estudo.

Palavras-chave: Ronaldo, futebol, mídia, saga, herói, mito

Agradecimentos

Aos meus pais, Carlos e Aymée, que me fizeram chegar até aqui. Sem eles nada disso seria possível.

Aos amigos de UFRJ, que dividiram comigo as alegrias e tristezas dessa jornada e formaram comigo novas famílias.

Aos amigos de sempre, afinal não se leva a vida sem *brothers* e *niggas*.

Aos amigos fanáticos por futebol que, em milhares de mensagens, foram determinantes para a conclusão desse trabalho. Quando a epifania temática me falhou, foram eles, sob a alcunha de ídolo virtual, que me socorreram.

A todos que comigo trabalharam no jornal *Lance!*, na *TV Esporte Interativo* e no *Sportv* e fizeram de mim ainda mais apaixonado pelo esporte que é tema desse trabalho.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição que levarei comigo pelo resto da vida.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. RONALDO: COMUM E EXCEPCIONAL	4
2.1. FUTEBOL E RONALDO: GLOBAIS, ENFIM.....	4
2.2. PRIMEIRO, MITO	7
2.3. O MITO SEM IDENTIDADE.....	10
3. FENÔMENO: UMA NOVA MITOLOGIA	12
3.1. 1998: O ÔNUS DA GLOBALIZAÇÃO	17
3.2. CONTRA TUDO E CONTRA TODOS.....	21
3.3. OBSTÁCULOS INTRANSPONÍVEIS.....	23
4. A CONSAGRAÇÃO	26
4.1. O CALCANHAR DE AQUILES DO FENÔMENO	26
4.2. OS ÚLTIMOS DEGRAUS.....	32
4.3. ENFIM, HEROI.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Pouca coisa é tão fascinante no esporte – em especial no futebol – quanto a sua capacidade de criar ídolos, narrativas heroicas e míticas. É uma necessidade do esporte enquanto fenômeno de massa: ele precisa dos grandes astros, já que são eles que atraem os fãs e mantêm vivo o espetáculo.

Quando o futebol se tornou o primeiro esporte realmente global, ele precisava de ídolos para se manter nessa condição. O esporte e as empresas que apostavam nele, é claro. Afinal, é muito mais fácil fazer dinheiro com um atleta considerado praticamente um semideus do que com uma pessoa comum. E o ídolo no futebol é cercado de uma mitologia fantástica, uma mitologia que coloca os grandes craques do esporte na condição de lendas e heróis.

Se foi o sucesso a locomotiva da criação desses heróis ou vice-versa é difícil dizer. Fato é que desde que Charles Muller trouxe o esporte originalmente bretão para cá, os gramados brasileiros têm formado ídolos nacionais. Pelé, que para muitos foi o maior jogador de todos os tempos; Garrincha, que, para outros tantos, é o verdadeiro merecedor desse título; Gerson, Rivelino, Falcão... Torcedores do Flamengo chegam a desejar “feliz natal” uns aos outros no dia do aniversário de Zico. Jogadores que atingiram esse patamar, é claro, foram gênios dentro das quatro linhas. Mas também sabiam muito bem o que fazer com tudo o que acontecia fora delas. Nesse aspecto, um deles foi incomparável.

Ronaldo Luís Nazário de Lima, Ronaldinho, Ronaldo ou simplesmente “fenômeno”, foi um dos primeiros jogadores de futebol – certamente o primeiro brasileiro – a entender e controlar quase que completamente a mídia que o cercava. E na era do futebol globalizado, essa pode ser muitas vezes a diferença entre um grande jogador de futebol e um grande ídolo nacional.

O objetivo geral desse trabalho é mostrar como esse domínio do contexto midiático que o cercava foi determinante para a construção folclórica e mitológica do ídolo Ronaldo.

Tal análise faz-se importante, especialmente nessa ainda relativamente recente era do futebol globalizado, para entender melhor a evolução do esporte e da mídia que o cerca. Lidar com a mídia, hoje, é mais uma das obrigações do jogador profissional, o que mostra como imprensa e publicidade têm, sim, um papel fundamental na carreira

de um atleta. Na era do *futebol-negócio*, a mídia define a imagem, um processo de mitificação e construção social que cresceu de maneira exponencial. Essa diferença torna-se de especial importância para entendermos como a comparação entre atletas de épocas esportivas diferentes pode ser extremamente equivocada, erro que a imprensa esportiva comete com alguma frequência.

Em janeiro de 2013, um blogueiro do americano “*Bleacherreport.com*” fez uma lista dos 20 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos. No topo, Pelé, que era seguido por Garrincha e Ronaldo. A publicação, apesar de ser fruto da opinião de um blogueiro, reflete também o pensamento de muitos no futebol internacional. Na Europa, Ronaldo foi, sim, melhor que Rivelino, Tostão, Zico e Romário. Algo até compreensível, já que a maior e melhor parte da sua carreira ele passou jogando no velho continente, para onde todos os holofotes estão voltados; algo perfeitamente lógico tendo em vista o total domínio que o fenômeno tinha da mídia que o cercava; algo, no entanto, completamente despropositado, já que os integrantes da lista atuaram praticamente em mundos diferentes.

Para tal, explorarei produtos da mídia, principalmente reportagens, compostas em torno da figura de Ronaldo durante sua carreira, até o momento-chave do pentacampeonato da seleção brasileira de futebol. A análise será mais focada em material da mídia impressa, já que, no período analisado (entre 1990 e 2002), sua grande força se concentrava nesse tipo de publicação.

Como objetivo mais específico, pretendo mostrar como Ronaldo foi o primeiro grande jogador brasileiro a inverter a saga clássica do herói descrita por Joseph Campbell, autor que será bastante discutido. Ao contrário da mitologia clássica, Ronaldo, aos olhos do Brasil, foi lenda antes de se tornar herói, um processo que, aqui, ele inaugurou, e que a nova dinâmica de mercado do futebol globalizado tornou bastante comum.

Resolvi abordar essa questão da inversão da saga clássica do herói porque ela é, em si própria, reflexo da estabilização do esporte globalizado. Ronaldo foi o primeiro grande exemplo disso no contexto brasileiro (e um dos primeiros no futebol mundial) e definiu um novo padrão de ascensão e construção social e midiática.

Esse trabalho tentará seguir de maneira cronológica a saga de Ronaldo. No capítulo que se segue, falarei sobre o início da carreira do “fenômeno” e sobre o

processo de globalização do esporte, então em curso, no qual ele se inseriu – assim como as pessoas que o cercavam.

Em seguida, mostrarei como esse então recente processo o levou de maneira bastante precoce para fora do Brasil e de que maneira essa acelerada transição, hoje absolutamente comum, culminou no desastre de 1998 e abriu caminho para a inversão da saga clássica do herói, chegando, enfim, à consagração de Ronaldo como herói nacional e ao fim da saga.

Esse estudo é particularmente importante e bastante relevante nesse momento. Às vésperas da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, a mídia – e aqui inclui-se imprensa e publicidade – vai dedicar ainda mais atenção ao esporte. Em momentos como esse, eleva-se alguém ao posto de semideus com a mesma facilidade com que se rebaixa esse mesmo alguém, lances depois, à condição de um pária do esporte.

2. RONALDO: COMUM E EXCEPCIONAL

Ronaldo Nazário de Lima, oficialmente, nasceu no dia 22 de setembro de 1976 no humilde bairro de Bento Ribeiro, zona norte do Rio de Janeiro. Seus pais, Sônia e Nélio, ganhavam pouco. O pai, por artes da vida, demorou algum tempo para registrar o filho no cartório e, quando soube que teria que pagar uma multa por perder o prazo, resolveu o problema adulterando a data.

Como conta Jorge Caldeira (2002) na biografia não-autorizada “Ronaldo: Glória e Drama no futebol Globalizado”, para Nélio, “o aprendizado das oportunidades da rua, a carga de conhecimentos práticos que trazia, podia ser um modo de formação tão importante quanto a escola” (CALDEIRA, 2002:40). Cabia à mãe, Sônia, o papel de tentar segurar o garoto, que ganhara o respeito de todos no bairro pelo futebol que jogava – em quantidade e em qualidade – na escola. Em 1987, quando os dois se separaram, a missão se tornou ainda mais difícil. E se revelou impossível na sétima série do ensino fundamental.

A história de Ronaldo, como a de muitos craques do futebol brasileiro, começou no futsal. Ele passou pelo Valqueire e pelo Social Ramos antes de finalmente calçar chuteiras em um campo de grama – no São Cristóvão, modestíssimo clube, também da zona norte do Rio de Janeiro, que tem na passagem de Ronaldo (lembrada na frase “aqui nasceu o fenômeno”, pintada até hoje no estádio) sua maior glória.

O início da biografia de Ronaldo é muito parecida com a da maioria dos jogadores profissionais de futebol no Brasil: o estereótipo do menino de família pobre, morador de uma comunidade carente, que tem no esporte a única esperança – sua e de sua família – de ascensão social e financeira.

Conhecer as origens daquele que se tornaria o *Fenômeno* é importante, mas não é exatamente esse pedaço de sua vida que explica o patamar que ele atingiu. Ronaldo, involuntariamente, teve *timing*: era o homem (menino, na verdade) certo na hora certa.

2.1. FUTEBOL E RONALDO: GLOBAIS, ENFIM

A profissionalização e a posterior globalização do esporte tiveram local, objeto e objetivo muito bem definidos: foi o lucro do beisebol nos Estados Unidos que serviu de locomotiva para o desenvolvimento, isso em um tempo em que o futebol era ainda totalmente amador. E a televisão foi parte central desse processo.

Em 1876, as equipes de beisebol norte-americanas começaram a redefinir o panorama do esporte local. Organizaram-se como empresas e criaram uma liga, cuja função era organizar um campeonato sólido que desse a seus participantes o máximo de lucro possível. Esporte profissional, eles já sabiam naquela época, era muito menos lirismo e muito mais negócio. O futebol americano e o basquete seguiram o mesmo modelo. Com o surgimento da televisão aberta, pouca coisa mudou. As ligas nacionais dos três principais esportes americanos na época se ajustaram para não coincidirem, enquanto o basquete ficava apenas com o resto e o papel de coadjuvante.

O panorama começou a mudar em 1978, quando Paul Ramundsen ganhou uma licitação aberta pelo governo para a concessão de canais de televisão a cabo. Paul, que tinha um negócio local em Connecticut de transmissão de jogos do esporte universitário, fundou a *Entertainment and Sports Programming Network*, ou, como ficaria conhecida mundialmente, ESPN. A ideia de um canal que transmitisse esporte 24 horas por dia era realmente muito boa.

O alcance da ESPN deixou de ser regional para ser mundial em 1984, quando a ABC, uma das maiores emissoras de televisão aberta dos Estados Unidos e do mundo, comprou a empresa. E isso evidenciou um problema de origem cultural grave. A baixa receptividade da programação baseada nos quatro grandes esportes locais (futebol americano, basquete, beisebol e hóquei) fora do país obrigou os americanos a, pela primeira vez, prestar atenção no que acontecia com o esporte fora dele. Apostaram no basquete como a modalidade que seria realmente global. ESPN e NBA (a liga profissional norte-americana de basquete) logo entraram em um novo acordo para a transmissão diária de partidas. E isso mudou tudo.

Bill Bowerman e Phil Knight eram empreendedores no Oregon, estado localizado na costa oeste dos Estados Unidos. Desde os anos 60 tentaram vender de tudo, até juntarem algum capital para criarem a própria marca: a Nike. Apostaram também no basquete, com uma estratégia de patrocinar muitos atletas pagando pouco a cada um deles.

Mas isso foi antes, quando cada atleta expunha a marca apenas por alguns segundos em *clases* ocasionais durante as transmissões. Agora, com a tv a cabo e a NBA sendo assistida por milhões de pessoas quase todos os dias, a estratégia teve que mudar: a empresa decidiu dispensar a massa de atletas e apostar em poucos. Em 1984, a Nike encontrou o escolhido: Michael Jordan.

O homem que se tornaria o maior jogador de basquete de todos os tempos estava, naquele ano, trocando a universidade pela NBA, isso já com uma medalha olímpica em casa. E a Nike investiu pesado em Jordan: linha de roupas, comerciais, um contrato que pagava cinco vezes mais do que o atleta mais bem pago do momento recebia até então. O resultado provou o sucesso da nova estratégia: um aumento exponencial dos lucros da empresa durante a carreira de Michael Jordan. Mas não era só isso. “Mais que as finanças, no entanto, estava lançado um caminho: se o esporte tinha conseguido uma nova entrada na vida cotidiana, com a televisão a cabo, a exploração da imagem dos atletas mostrava ser um grande expediente publicitário” (CALDEIRA, 2002:24).

O modelo norte-americano se espalhou pelo mundo. Mas enquanto os ianques apostavam no seu próprio basquete, um australiano visionário via no futebol inglês a galinha dos ovos de ouro. Rupert Murdoch surge com a *Sky* na Inglaterra, onde o profissionalismo já estava um tanto adiantado entre os clubes de futebol. As equipes inglesas começaram a ganhar muito dinheiro e uma delas soube especialmente o que fazer com esse novo e inédito fluxo de capital.

Em 1990, o Manchester United completava 23 anos sem títulos. Martin Edwards – o maior acionista – decidiu, então, abrir o capital da empresa. Com o dinheiro, deu carta branca para o técnico Alex Ferguson contratar quem quisesse. Resultado: o time ganhou quase tudo na década de 90 e o clube virou exemplo: “(...) o Manchester United passou a ditar o padrão do futebol inglês. Neste padrão, os resultados em campo eram bons por causa da expansão dos negócios” (CALDEIRA, 2002:26).

A Europa seguiu o exemplo inglês. Na Itália, Silvio Berlusconi comprou o Milan e o campeonato italiano para sua emissora, o *Mediaset* (que hoje já é um conglomerado de mídia); na França, o *Canal Plus* fez o mesmo; na Espanha, a *Telefonica*, empresa estatal de telefonia, conseguiu conciliar a nova onda de dinheiro com a manutenção do futebol local; um pouco mais de problema teve a Alemanha, onde a Adidas, preocupada com o espaço que a concorrente Nike vinha ganhando, teve que tomar uma atitude drástica: seus donos venderam a empresa de calçados para a ISL, companhia de televisão a cabo que comprou os direitos de transmissão do campeonato alemão. O dinheiro daí oriundo garantiu que três equipes locais abrissem seu capital e se tornassem grandes empresas.

Toda essa revolução promovida pela televisão a cabo foi fundamental para tornar o futebol um esporte verdadeiramente global e fez a Nike ser obrigada a olhar para a modalidade mais popular do planeta, algo que era menos simples do que parece. Os diretores da companhia eram extremamente patriotas, e pensar em investir em um esporte essencialmente estrangeiro era demais para eles. Mas com a carreira de Jordan chegando ao fim (ele jogou sua última partida durante a Copa do Mundo de 1998), não havia saída.

No futebol, a Nike resolveu jogar da mesma maneira que jogara no basquete. Iria apostar alto em um jogador. Alguém excitante, para mostrar que a empresa estava entrando no mercado para ser protagonista; alguém jovem, para garantir um projeto a longo prazo; alguém popular o suficiente para substituir Jordan como o grande astro da marca, o *franchise man* da companhia. O ano era 1996 e só havia um jogador no planeta que reunisse todas essas características. “O mais global de todos os esportistas do mundo”, como disse à época Joaquin Hidalgo, um dos diretores da Nike. E o melhor: ele vinha do país mais vitorioso da história do futebol. O nome era Ronaldo.

O garoto de apenas 20 anos recebeu um contrato do mesmo nível do de Michael Jordan. Concomitantemente, a Nike, sabendo que a nível de clubes seria difícil competir com a concorrência já instalada, resolveu apostar em seleções. A primeira escolha, óbvia, foi o Brasil, mas foi também a Holanda, a Nigéria, a Coreia do Sul e, claro, os Estados Unidos.

Tudo isso aconteceu às vésperas de uma Copa do Mundo em que Ronaldo tinha tudo para ser o grande protagonista. O roteiro estava escrito. Antes mesmo de deixar de ser um adolescente, Ronaldo seria “não apenas o maior jogador, mas o homem do tempo, o novo modelo de esportista, o sucessor realmente global de Michael Jordan” (CALDEIRA, 2002:31). O homem certo no momento certo encontraria também as pessoas certas.

2.2. PRIMEIRO, MITO

A passagem de Ronaldo pelo São Cristóvão foi, sem dúvidas, importante para ele. Era a sua primeira oportunidade em um time profissional de futebol, fora do futsal. Mas não era um lugar onde o jogador que queria ser o melhor do planeta ficaria por muito tempo, afinal era um time secundário.

No São Cristóvão, Ronaldo conheceu algumas das pessoas mais importantes de sua carreira. Primeiro, Jairzinho. O ex-atacante, o “furacão” da Copa de 70, era dirigente, treinador e investidor. Na “Furacão Empreendimentos”, empresa que logo seria parceira do clube para tentar segurar Ronaldo, ele cuidava apenas do que acontecia dentro de campo. Reinaldo Pitta e Alexandre Martins cuidavam no negócio e tiveram a ideia que, para o cenário brasileiro, era nova: montar tudo como se fosse uma empresa, distribuindo lucros para todos. Era bom para eles, para o clube e para o jogador. Muito melhor para os empresários, claro.

Quando Ronaldo vinculou seu passe a Pitta e Martins, abriu um novo precedente no futebol brasileiro: a exploração da imagem estava em contrato, o que era uma novidade; mas não mais que um atleta cujo passe pertencia não a um clube, mas a uma empresa. E isso teria grandes implicações em sua carreira.

O ano era 1992 e “o Brasil estava engatinhando na questão do direito de imagem – e 99% dos cartolas brasileiros não sabiam o que queria dizer este termo” (CALDEIRA, 2002:66).

Ainda neste mesmo ano, Jairzinho conseguiu colocar Ronaldo na Seleção Brasileira sub-17, que no ano seguinte disputaria o sul-americano da categoria na Colômbia. Seria a primeira viagem de avião de Ronaldo. O desempenho da seleção foi sofrível, mas ele foi o artilheiro do torneio com oito gols. Oito dos gols mais importantes de sua carreira. Deixava Bogotá para ir jogar em Minas Gerais, no Cruzeiro em março de 1993.

Chegou para jogar no time juvenil, mas bastaram duas participações em jogos oficiais para os dirigentes concluírem que Ronaldo deveria jogar entre os juniores. O calendário lotado do time cruzeirense logo fez o técnico Pinheiro (ex-zagueiro de seleção brasileira e um dos grandes da história do Fluminense) promover o recém-chegado garoto ao time principal. Tudo em menos de dois meses de clube, com 16 anos de idade.

Nos dois anos que ficou no Cruzeiro, Ronaldo alternou muitos bons momentos com poucos ruins. Jogou pela primeira vez no Maracanã, realizando o sonho da infância flamenguista; foi convocado diversas vezes para seleções brasileiras de base; ganhou contratos melhores. Não estava tendo as melhores atuações da carreira, mas ajudava e muito um time que andava lá mal das pernas. E começava a entender tudo o que envolvia o futebol, especialmente o trato com a imprensa.

Como tantos outros jogadores, Ronaldo falava pouco. Mas, em seu caso, era uma limitação um tanto diferente: ele estudou o suficiente para não falar errado – mas falava sempre pouco. (...) Ele falava normalmente sobre futebol, sobre sua carreira, sobre as expectativas profissionais, e quase nada de sua vida afetiva. Mas adorava dar entrevistas, e sempre tratava os jornalistas com muita simpatia. (CALDEIRA, 2002:81)

Com apenas quatro meses como profissional, Ronaldo já assumia o posto de principal jogador de um dos maiores clubes do país. A torcida e a imprensa mineiras já o idolatravam. Mas sua fama ainda se restringia ao âmbito regional. Isso mudou em uma partida, um gol. Pelo brasileiro de 1993, Ronaldo fez cinco gols no Bahia, na Fonte Nova, em cima de Rodolfo Rodriguez, conceituado goleiro da seleção uruguaia. Em um deles, aproveitou uma desatenção de Rodriguez, que largou a bola no chão. Enquanto o uruguaio levava as mãos à cabeça, Ronaldo deu um toque para as redes. O lance ganhou as telas de televisão nos principais programas esportivos do país e Ronaldo, com apenas 17 anos de idade, foi convocado para a Seleção Brasileira principal por Carlos Alberto Parreira. Isso às vésperas da Copa de 94. Passou dois amistosos no banco e voltou a Minas Gerais com contrato novo. E o Cruzeiro começou a receber propostas.

No início de 1994, reta final para a Copa do Mundo, Barcelona e Deportivo La Coruña, ambos da Espanha, não liberaram Romário e Bebeto, a dupla de ataque titular da seleção brasileira, para o amistoso contra a Islândia. Foi a primeira vez de Ronaldo como titular, o primeiro gol pela seleção. E cinco dias depois, estava na lista dos convocados para a Copa do Mundo de 1994.

Ronaldo começou, então, a conhecer a pior parte da imprensa para um jogador: aquela que o pressiona. E com o garoto indo para a sua primeira Copa do Mundo aos 18 anos, Ronaldo começou a ser comparado a Pelé.

(...) a *Folha de São Paulo* entrou no terreno dos números. Descobriu que Pelé havia disputado 50 partidas como profissional antes de sua estreia na Copa, marcando 41 gols – o que dava uma média de 0,82 gol por partida. Ronaldo, por sua vez, disputara exatas 50 partidas, marcando 49 gols. Sua média era de 0,96. (CALDEIRA, 2002:89)

Mas Ronaldo não enfrentaria a pressão da imprensa brasileira com tamanha proximidade por muito tempo. Três dias antes do amistoso contra a Islândia, o presidente do Cruzeiro, César Masci, anunciava a sua venda para o PSV, da Holanda. Ronaldo seguia os passos do ídolo Romário, que foi seu principal conselheiro para a ida à pequena cidade de Eindhoven.

2.3. *O MITO SEM IDENTIDADE*

O cenário que se desenhava em meados de 1994 era o de um jogador ainda muito jovem que iria disputar a sua primeira Copa do Mundo – mesmo que sem muitas expectativas de entrar em campo – e que já estava deixando o Brasil.

A palavra ídolo vem do grego, *eidôlon*, e significa imagem. Por isso, no futebol, o ídolo tem a sua imagem vinculada ao time que defende. A condição de ídolo pode ser passageira, já que sofre um processo de renovação cíclica que colocará outro jogador em seu lugar; a condição de ídolo pode ser passageira, mas fica na memória dos que o viram jogar e o tinham como ídolo. (GIGLIO, 2007:123)

Ronaldo estava em uma situação bastante peculiar. Por mais que tivesse deixado o Brasil com certo destaque, era de fato conhecido de um público muito regionalizado. A idolatria da torcida do Cruzeiro não era suficiente para colocá-lo em um papel de ídolo nacional. Havia apenas três formas de se atingir esse patamar: jogar mais tempo no Brasil (o que não iria acontecer), ter uma participação de protagonismo com a camisa da seleção brasileira ou ter sua imagem muito bem trabalhada.

Em maio de 1994, Ronaldo estreia como garoto-propaganda em campanhas institucionais. Seria a estrela de uma campanha do governo que convocava os jovens de 16 a 18 anos a exercer o seu direito opcional ao voto. Eram Reinaldo Pitta e Alexandre Martins começando a agregar valor ao seu principal produto. Junto a essa campanha, veio a notícia de que Ronaldo estaria gravando um comercial para a Brahma. Essa simples informação causou polêmica. Afinal, Ronaldo ainda não tinha completado 18 anos para ter um possível vínculo com uma marca de cerveja. Os empresários se defenderam, dizendo que Ronaldo venderia apenas refrigerantes, mas a confusão já estava feita.

No Brasil dos cartolas, a possibilidade de explorar os benefícios trazidos pela fama era geralmente vista como um direito subsidiário para ‘amadores’ (...) E, claro, dirigentes acostumados a pensar nos jogadores como “patrimônio do clube” jamais iriam gostar de que o mundo de favores que exploravam se transformasse num negócio privado destes mesmo jogadores. Chamavam a tudo isto – com apoio da imprensa – de ‘mercantilização’ do futebol. E chamavam os empresários do futebol que pensavam em tudo isto de ‘mercenários’. Assim, a construção do negócio sobre a imagem de Ronaldo, no Brasil, era algo estigmatizado, malvisto. (CALDEIRA, 2002:93)

O trabalho sobre a imagem de Ronaldo realmente não passava lá pelo melhor dos momentos. Para a sorte dele (ou melhor, por causa da competência de Pitta e Martins), a culpa toda caía sobre seus empresários. Nos quatro anos que se seguiriam – quatro anos fundamentais para a consolidação do futebol como um esporte

verdadeiramente global – essa “mercantilização do futebol” seria apontada como o grande vilão, dando origem a teorias conspiratórias, processos de vitimização e vilanização. “Os jogadores são inocentados e fazemos um apelo aos dirigentes e patrocinadores para pensarem mais nos atletas como seres humanos e não como máquinas” (HELAL, 1998:145).

Ronaldo deixou o futebol brasileiro como uma das grandes revelações dos últimos anos. Ele foi capaz de deixar para trás, apenas com seu talento, a infância difícil, a origem pobre, e alcançar o sucesso em um primeiro patamar. Fez o que muito poucos fizeram na sua idade. Ronaldo já era mito, num retrato fiel da definição de Humberto Eco (1979:239): uma “projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, uma comunidade, em toda uma época histórica”. Mas era um mito sem identidade. O pouco tempo de carreira no Brasil somado ao fato de sequer ter entrado em campo na Copa de 94 não ajudaram. Ronaldo seria ídolo antes na Europa do que no Brasil. E o seu tempo de heroísmo chegaria, tal como previu Romário após a conquista do tetracampeonato: “Ronaldo vai estar no meu lugar em 98”. Mais cedo ou mais tarde chegaria.

A frase de Romário abriu um novo ciclo na carreira de Ronaldo. Nos quatro anos que seguiriam a conquista do tetracampeonato, todas as esperanças do futebol brasileiro cairiam sobre ele, que chegaria à França em 1998 com apenas 22 anos. Ronaldo, já mito, se candidatava a herói.

3. FENÔMENO: UMA NOVA MITOLOGIA

Antes da chegada de Ronaldo, o cenário na Europa era bastante complicado. Por lá, racismo e xenofobia eram realidades do esporte, e quando isso se juntava a torcidas organizadas de tendências neonazistas, o perigo se tornava iminente. É verdade, no entanto, que os holandeses eram pioneiros em tentar mudar em panorama.

O sistema de ensino foi adaptado para contato com culturas diferentes, incentivando viagens e o conhecimento de línguas estrangeiras. Assim se criou um espaço para a tolerância, claramente refletido nos campos de futebol. Praticamente não havia mais registros de atos de xenofobia ou racismo entre os torcedores. (CALDEIRA, 2002:108)

Ronaldo chegou a Eindhoven, cidade onde fica localizado a PSV, em 18 de agosto de 1994. Teve dificuldades de adaptação à cultura (e a mãe foi socorrê-lo), teve dificuldades com a língua (afinal holandês não é exatamente um idioma fácil de aprender), só não teve dificuldades em campo. Menos de um mês depois de chegar, marcou três vezes na derrota para o Bayer Leverkusen por 5 a 4 e já ganhou elogios do técnico Rudi Völler: “nunca em minha vida vi um jogador de 18 anos jogar desse jeito”.

Mas Eindhoven era muito diferente do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte. Com cerca de 250 mil habitantes à época, a cidade girava em torno da fábrica da Philips, o que incluía o próprio time (PSV: Philips Sport Vereniging). A recepção foi tipicamente europeia: fria. E Ronaldo sentiu. Depois do bom começo, andou em baixa. Nada que a chegada da namorada Nádia França, algumas mudanças de treinador e uma rivalidade sadia com Patrick Kluivert, então um jovem holandês que surgia na equipe, não resolvessem.

Ainda em 1994, Zagallo, que assumira o posto de treinador da seleção brasileira depois da conquista do tetracampeonato, convocou Ronaldo para um amistoso contra a Iugoslávia. Não era uma convocação qualquer. Pela primeira vez, Ronaldo era chamado na condição de protagonista: o time dependia dele e de Romário. Não foi bem, acabou substituído. Levou bronca pública de Zagallo, saiu de férias e, na volta, encontrou o melhor dos cenários. O treinador do PSV, Dick Advocaat, havia reformulado o time, que agora jogava em função de Ronaldo, que passou a fazer gol atrás de gol. Foram 30 só naquela temporada do campeonato holandês, mas do que Romário em seu melhor ano no clube (fizera 25).

Mas na seleção Ronaldo não conseguia se firmar. Foi mal nos amistosos seguintes e, na Copa América, assistiu do banco a equipe perder a final para o Uruguai nos pênaltis.

Foi em 1995 que Ronaldo começou a sofrer com as lesões. O menino, que chegou muito magro ao país, precisou fazer diversos tratamentos para ganhar massa muscular. Veio o primeiro diagnóstico: doença de *Osgoog Schlatter*, fruto do ainda corrente crescimento ósseo do jogador de 19 anos.

Na época em que chegou ao PSV, Ronaldo tinha 1,79 metro de altura e passava 75kg; quando a doença foi descoberta, ele crescera quatro centímetros e tinha sete quilos de peso a mais. A maior parte deste peso eram músculos, fruto de uma preparação física que privilegiava a potência. (CALDEIRA, 2002:120)

Em 1996, Ronaldo precisou operar o joelho pela primeira vez. O momento afastou interesse de clubes mais importantes da Europa, como a Inter de Milão, e potencialmente o tiraria das Olimpíadas de 1996. Era o pior momento da carreira até então. Precitaria ser heroico agora para seguir candidato a herói.

(...) provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir? (CAMPBELL et al, 1990:133-134)

Durante a recuperação, conheceu Nilton Petrone, o “filé”, fisioterapeuta amigo de Romário. Influenciado pela medicina oriental, Filé utilizava métodos pouco ortodoxos, mas eficientes: colocou Ronaldo de volta em campo em dois meses, metade do tempo estimado. E, mais uma vez, não havia momento melhor.

Em 15 de dezembro de 1995, a corte de Justiça da União Europeia deu ganho de causa a Jean Marc Bosman. Bosman era um jogador belga bastante medíocre que atuava pelo Standard Liège. No final de 1989, com uma proposta de renovação contratual para ganhar muito menos do que ganhava, recebeu uma oferta para jogar na segunda divisão da França. O Liège, detentor do passe dele, recusou e, sem contrato e com o passe ainda vinculado ao time belga, Bosman simplesmente não podia jogar, o que o levou a entrar com uma ação na justiça. Cinco anos depois, a corte de Justiça da União Europeia decidiu que a figura do “passe” violava as leis da comunidade europeia. O mundo do futebol mudava radicalmente ali.

De uma penada só, desabava toda a estrutura institucional por trás dos contratos dos jogadores de futebol do continente, suas garantias e preceitos. As transferências internacionais passavam a ser regidas pelo livre mercado, e tornava-se incerta a posição dos clubes para administrar estas transferências. O

poder que estes clubes perdiam era transferido diretamente para os jogadores, que passaram a ter o controle sobre o destino de suas carreiras. (CALDEIRA, 2002:124)

Pouca gente entendeu imediatamente o que estava acontecendo ali. Alexandre Martins e Reinaldo Pitta entenderam. Saíram no mercado oferecendo Ronaldo. O PSV, sem entender que o jogo havia mudado, puniu o jogador: garantiu que ele iria cumprir seu contrato até 1999, depois deixou ele no banco. Enquanto o clube holandês lutava para tentar se adequar o novo cenário (ou se recusava a fazê-lo), o Barcelona mostrava que já era dono do jogo. Por 20 milhões de dólares, então a transferência mais cara da história, Ronaldo foi jogar na Espanha. O contrato com o clube catalão também era inovador: incluía altos valores para a exploração da imagem de Ronaldo, sociedade em uma série de negócios. Enfim: enquanto a imprensa europeia criticava os valores da negociação, o Barcelona, que em poucos dias conseguiria 3 mil novos sócios, sabia que Ronaldo se pagaria.

Zagallo era um daqueles que criticavam a “mercantilização do futebol”. Por isso, na estreia da seleção nos jogos olímpicos, deixou Ronaldo no banco. A derrota para o Japão, no entanto, fez o treinador deixar os “valores” de lado. Ronaldo voltou a ser titular, fez gol em todos os jogos até a semifinal, contra a Nigéria. Com o time ganhando por 3 a 1, Zagallo tira Ronaldo do jogo. E os africanos conseguem um milagre, com Kanu fazendo o gol da eliminação brasileira. O Brasil teria que se contentar com um terceiro lugar, mas já ficava provado ali que a seleção precisava de Ronaldo.

Quando chegou a Barcelona, em 16 de agosto de 1996, o desafio de Ronaldo era outro: “mostrar um novo topo no mundo do futebol” (CALDEIRA, 2002:129). Determinação comprovada pelo que disse na entrevista após a sua primeira partida como titular (final da Supercopa da Espanha contra o Athletic Bilbao, quando marcou seus dois primeiros gols pelo clube): “Estou aqui para ser o melhor do mundo”. Ronaldo logo se tornaria o principal jogador da equipe.

Para se tornar herói catalão, Ronaldo, já mitificado por torcedores dos mais diversos cantos da Europa, precisava ainda de um ato de heroísmo. Ele veio no dia 12 de outubro de 1996, quando o Barcelona enfrentou o fraco Compostela. Vitória tranquila do time de Ronaldo por 5 a 1 e um dos gols mais espetaculares da história do futebol. Com 16 toques na bola, Ronaldo driblou cinco adversários e tocou rasteiro para marcar. Ronaldo ganhava, ali, a imprensa e o mundo do futebol.

À noite, todos os programas esportivos repetiram a jogada dezenas de vezes, enquanto os locutores tentavam desfiar os melhores adjetivos de suas respectivas algibeiras. Ao mesmo tempo, os homens de jornal iam tentando resumir tudo numa única manchete. Ei-las: ‘Ronaldo deixa todo mundo para trás’ (*La Vanguarda*); ‘Um recital de futebol’ (*El Periódico*); ‘Um extraterrestre em Santiago’ (*El Pais*); ‘Um gênio’ (*Marca*); ‘Pelé voltou’ (*As*); ‘O craque do século XXI’ (*Sport*). (CALDEIRA, 2002:134)

Era a segunda vez na curta carreira que Ronaldo era comparado a Pelé, e dessa vez não era à toa. Gols como o que ele acabara de marcar são raros na história. Pelé fez em 1961; Maradona na Copa de 1986. Os espanhóis tentaram encontrar apelidos para o novo “deus da bola”: “extraterrestre”, “pequeno Buda”, “cibernético”, “galáctico” ... Boas tentativas. Mas quem saberia apelidar o craque seriam os italianos.

Ronaldo estava no auge. Queridinho da imprensa, artilheiro do campeonato espanhol, de namorada nova (Suzana Werner, atriz e modelo alguns anos mais nova que ele), líder absoluto de vendas de produtos oficiais nas lojas do Barcelona.

E o ano de 1997 foi ainda mais especial para ele, tanto dentro quanto fora de campo. No dia 20 de janeiro, aos 20 anos de idade, Ronaldo era eleito o melhor jogador do mundo. E cinco dias antes, assinou simplesmente o melhor contrato de imagem do mundo do futebol: a Nike anunciava um vínculo vitalício que garantia a ele um mínimo de um milhão e meio de dólares anuais.

Até aquele dia o Brasil tinha produzido alguns dos melhores jogadores de futebol do planeta. Mas jamais tinha permitido que um deles se tornasse não apenas o homem a ser um modelo em campo, mas também fora dele. (...) Em menos de dois anos, chegou ao topo profissional do mundo. (...) Ronaldo estava ditando o padrão profissional, mas também pagando o prelo de ser um pioneiro. (CALDEIRA, 2002:147)

O sucesso e – principalmente – o novo e fantástico contrato com a Nike fizeram Ronaldo receber uma chuva de críticas dos jogadores e da imprensa. Não gostavam de suas muitas viagens ao Brasil para visitar a namorada Suzana Werner (que se recusava a ser apenas “mulher de Ronaldo” e seguia trabalhando como modelo e atriz), e ficaram muito menos felizes quando ele apareceu em um dos camarotes da Brahma durante o Carnaval. “As fotos são um insulto para qualquer pessoa ligada ao Barcelona”, estampou o jornal catalão *Sport*, ignorando o fato de que estar ali era também parte de um compromisso contratual.

Nem mesmo os muitos gols que fazia aliviava o clima no Barcelona, o que contrastava com o momento da seleção brasileira. Depois de decidir abandonar a “amarelinha” em 1994, Romário havia aceitado voltar e, pela primeira vez, ele e

Ronaldo fariam um ataque que habitava os sonhos de muitos torcedores. Nos amistosos, os dois iam bem.

Até que em abril de 1997, a Inter de Milão resolveu tirar Ronaldo da Espanha. Ofereceu um acordo que previa os muitos compromissos comerciais do principal jogador de futebol do planeta no momento. O Barcelona tentou segurá-lo, mas já era tarde. Antes do começo da temporada de 1997/1998, Ronaldo já era jogador da *Internazionale*, uma contratação que, somando todos os gastos, chegou aos 101 milhões de dólares.

Ronaldo tornou-se o jogador mais valorizado do mundo porque entendia não apenas a linguagem da bola, mas também esta linguagem de números. Ele tinha apenas sete anos de estudos formais, mas estava sendo capaz de se colocar numa situação que até mesmo dirigentes do futebol europeu tinham dificuldade de entender. Colocou para si mesmo um desafio até então reservado apenas aos esportistas profissionais dos Estados Unidos: fazer coincidir a melhor avaliação técnica com os melhores resultados financeiros. (...) Assim, aos 20 anos de idade, Ronaldo tinha de provar ao mundo não apenas que era o maior jogador de futebol do planeta, mas ainda que o fato de ganhar dinheiro com isso não significava uma aberração moral. (CALDEIRA, 2002:156)

O roteiro está concluído? Um jogador que saiu de baixo, mostrou “fabulosas forças”, superou o que parecia insuperável. Não. Falta ainda alguma coisa.

Apesar de se transformar em uma celebridade, o herói se distingue desta ao agir para redimir a sociedade, não vivendo somente para si. (HELAL & MURAD, 1995:64-65)

Ronaldo, então, seria ainda apenas ídolo, uma pessoa conhecida e reconhecida, famoso, porém incapaz de redimir a sociedade. Mas tem mais.

Para se ter um ídolo, é preciso ter quem os idolatre. No futebol isso se estabelece na tríade ídolo-torcida-clubes. Torcida e clubes determinam o espaço de atuação da imagem de um jogador; e seu tempo de permanência na equipe, o vínculo necessário para o nascimento de uma admiração por seus feitos. (MORATO et al, 2011:3)

Ronaldo era herói e ídolo, mas na Europa, para holandeses e espanhóis. Mas para os brasileiros, ele seguia sendo apenas um mito, um ser de habilidades fantásticas, mas com pouca identificação. Faltava a Ronaldo ser herói no Brasil, para os brasileiros. Ele teria que atingir esse patamar com a camisa da seleção brasileira. E sua hora estava chegando.

3.1. 1998: O ÔNUS DA GLOBALIZAÇÃO

1998 tinha tudo para ser o grande ano da carreira de Ronaldo. Melhor jogador do mundo, jovem, rico, famoso, uma bela namorada, um clube que prometia brigar por todos os títulos da temporada e uma Copa do Mundo em que deveria ser o grande astro. Era esse o ano que lhe aguardava.

Mas para o mais global jogador de todos os tempos, uma temporada envolvia muito mais do que isso.

Em pouco tempo, o conjunto televisão a cabo-basquete-publicidade passou a fazer parte do cotidiano das pessoas com uma intensidade semelhante à dos grandes artistas de cinema, e isto se refletiu na própria cobertura da imprensa escrita. O confinamento nas revistas especializadas e nas páginas de esporte acabou. Os atletas invadiram as páginas de comportamento e as revistas de fofocas, dividindo espaço com as estrelas de cinema, os milionários e alguns políticos – e tudo isso ajudava a tornar ainda mais rentável o investimento de uma empresa num atleta. (...) Aqueles que, além de jogar muito bem, conseguiam manejar a mídia para construir uma imagem de simpatia ganharam uma profissão dupla. As qualidades de jogador continuaram sendo essenciais, mas logo se tornaram a parte menor do faturamento. (CALDEIRA, 2002:24)

Mais do que assumir um papel de destaque nesse novo contexto do futebol mundial, Ronaldo – e toda a estrutura montada ao seu redor – soube lidar muito bem com ele. Enquanto tentava não se importar com os boatos sobre Suzana Werner, fazia juras de amor à torcida da *Internazionale* e prometia títulos. Mas aquela não seria uma temporada fácil. Aos 20 anos, pela primeira vez, era declaradamente o principal astro de sua equipe, o homem de quem todos dependiam. E aí não bastava jogar bem. Ronaldo tinha que liderar.

Demorou um pouco para se acostumar com o futebol italiano. A marcação ali era dura como jamais havia enfrentado, às vezes até desleal, o que o levou a fazer o que nunca houvera feito até então: reclamar publicamente da arbitragem. “Espero que os juízes aqui saibam conter o jogo violento quando os jogos forem para valer”, disse ele após um dos amistoso de pré-temporada da equipe, quando ainda chamou para si a responsabilidade pela derrota no jogo, que não valia nada. “Quero pedir desculpas aos torcedores da Inter pelos meus erros de finalização. Perdi oportunidades que não podia, e espero não perde-las no campeonato”. Essa seria uma atitude comum de Ronaldo na Itália: chamar sempre para si a responsabilidade, algo que nem sempre seria visto de maneira tão positiva.

Ronaldo começou devagar a temporada, mas logo mostrou porque era o melhor do mundo. Assim como fora na Espanha, um gol colocou de vez Ronaldo topo do

futebol italiano, e esse teve, talvez, uma consequência ainda mais importante. Em uma partida contra o modesto Piacenza, pela Copa da Itália, ele fez mas um daqueles gols que só ele sabia fazer: pegou a bola no campo de defesa, driblou cinco adversários e marcou. Um gol assim na Itália, onde a marcação parece importar mais que os gols, era algo de fantástico. Assim como na Espanha, os jornais italianos resolveram achar um apelido para o novo craque local. Diferentemente dos ibéricos, os italianos conseguiram: depois desse jogo, Ronaldo virou “*Il Fenomeno*”, apelido que levaria por toda a vida.

Naquele ano, aos 21, Ronaldo chegaria onde, de fato, ninguém nunca havia chegado: recebeu pela segunda vez consecutiva o prêmio de melhor jogador do mundo. Era o fenômeno pela primeira vez, mas o mito de sempre. Pela primeira vez em três anos, não seria artilheiro do campeonato local, mas conseguiu ser a referência, a locomotiva do time. Não conquistou o campeonato italiano, mas conduziu a equipe ao título da Copa da Uefa. E jogar bola não era tudo o que ele tinha que fazer.

Além de jogar futebol, Ronaldo era uma corporação com negócios em forte expansão, que exigiam bastante de sua atenção. E isso era assim porque toda esta corporação tinha sede e faturamento em seu próprio corpo. Ronaldo era pessoa física e instituição. (CALDEIRA, 2002:166)

Ronaldo tinha que cuidar de seus negócios, aparecer em programas de televisão e, acima de tudo, lidar com a imprensa. Na Itália, isso é um problema ainda maior, já que na velha bota a paixão pelo futebol se reflete nos jornais. Em uma temporada de menos brilho individual e mais liderança, Ronaldo teve que ler algumas manchetes bastante negativas, que chegavam a caracterizá-lo como fracasso, só para, na semana seguinte, voltar a ser fenômeno. Mas não era só com a imprensa esportiva que Ronaldo tinha que se preocupar. Afinal, era também uma celebridade, namorava uma modelo, seu nome habitava as colunas de fofoca tanto quanto os cadernos de esporte. Como ele mesmo disse uma vez, estava “mais tempo no meio da confusão, da mídia, do que fora dela”. Para contornar essa situação, logo juntou-se a ONU como embaixador de um projeto contra a fome em todo o mundo, preenchendo o espaço que tinha nas colunas de fofocas com uma boa divulgação de sua imagem. Afinal ser ídolo é também saber lidar com a imprensa.

A fabricação dos ídolos esportivos (como de outros ídolos) ocorre em um processo que envolve publicação sistemática de artigos, textos publicitários, narração de jogos, comentários de especialistas, etc. que põe em destaque qualidades e atributos distintos desses sujeitos e que os configuram como

especiais. Tal processo de fabricação ocorre em todas essas instâncias da mídia, e nele não se criam apenas sujeitos-ídolos, mas, também, se constroem “eras” que passam a identificar o período em que eles se encontram em seu apogeu. (PILOTTO:2¹)

Se Ronaldo sabia trabalhar muito bem sua imagem, Zagallo, técnico da seleção brasileira, do seu jeito, também. Desde que assumira o comando da equipe, sempre fez questão de tratar Ronaldo como um “filho”, alguém que precisava de constante proteção e orientação. Já estava no comando há quatro anos, o fim do ciclo – a Copa do Mundo de 1998 – já estava próximo e ele nunca havia garantido ao fenômeno um lugar como titular na seleção. Apenas com a volta de Romário e o grande desempenho da dupla conhecida como “Ro-Ro”, o fenômeno conseguiu alguma estabilidade com a “amarelinha”

Pior ainda, a seleção brasileira era um time desarrumado, que dependia basicamente do talento de sua dupla de ataque. O “problema” era que ela resolvia. Foi assim que o Brasil foi campeão invicto da Copa América de 1997 (com Ronaldo como o artilheiro do time). Um título que deu legitimidade a um trabalho bastante contestável de Zagallo que, no clima de guerra que ele gostava de montar e diante das críticas da imprensa ao seu estilo de jogo e a todos os esquemas obscuros que permeavam os bastidores da CBF, proferiu uma das frases mais emblemáticas da história do futebol brasileiro: “vocês vão ter que me engolir”.

Na seleção brasileira, Ronaldo tinha muito mais dificuldades de preservar sua imagem, porque ali imperava o amadorismo típico do futebol brasileiro, e não o profissionalismo de Ronaldo e da Europa. Na Copa das Confederações, teve que enfrentar as intrigas de bastidores que o levaram para o banco de reservas. Voltou ao time na semifinal, fez três gols na final contra a Austrália e se firmou – como se ainda precisasse – como uma das grandes armas do Brasil para a Copa da França. Na última competição da seleção antes do mundial, a Copa Ouro, Ronaldo não jogou. O time perdeu para os Estados Unidos e sofreu para vencer a Jamaica, com Romário assumindo a responsabilidade pelos gols perdidos (não que tivesse muita escolha, já que Zagallo o havia criticado publicamente por isso). Todo mundo já sabia que o time era Ronaldo, Romário e mais 9. Só restava saber quanto tempo o treinador demoraria para perceber isso.

¹ Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1613t.PDF>>. Acessado em 25/09/2013

Nos meses que antecederam a Copa, muita coisa aconteceu. Zico, antigo desafeto de Zagallo, assumiu o cargo de auxiliar técnico. Fez lobby para que Raí fosse convocado e, no amistoso que jogou, a seleção não fez nada. A indefinição do time era tamanha que o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, não fez nenhuma questão de esconder que deu seus palpites na convocação. Zagallo teve que engolir seu próprio orgulho e ainda ouvir calado de Zico que ele, o auxiliar, havia imposto um esquema tático para o time. Giovanni, afastado havia mais de um ano, foi chamado de volta e para ser titular. A seleção brasileira exalava amadorismo.

Era, enfim, começar tudo da estaca zero. E o começo do trabalho de ‘ajuste’ coube a um elemento: o médico Lídio Toledo. Primeiro, ele fez um relatório favorável sobre a convocação de Juninho – o preferido de Zagallo. Mas Ricardo Teixeira barrou (...). Uma semana depois da convocação, dispensou Marcio Santos, que estava contundido; para seu lugar, foi chamado André Cruz, havia quatro meses parado (...). Mais dois dias depois, Lídio Toledo anunciava o corte de Flávio Conceição, alegando que havia falado com os médicos do clube(...). O clube desmentiu oficialmente (...). Para remediar, Lídio Toledo reconheceu que não tinha mesmo falado com os médicos, e que o corte fora por ‘indisciplina’. Para seu lugar, veio Zé Carlo, que nunca havia jogado uma partida pela seleção brasileira. (CALDEIRA, 2002:188)

Esse foi o grupo que partiu para a França no dia 21 de março de 1998. Ronaldo já carregava bastante pressão sobre os seus ombros. Era – junto com Romário – o principal nome do time, apesar de ninguém ali reconhecer isso. E a situação ainda pioraria.

Romário chegou à França sentindo dores na panturrilha. Aos 32 anos, ele talvez fosse o jogador mais importante daquela seleção. Primeiro porque fora o herói do tetra, o último grande astro do futebol brasileiro; segundo, porque ele dividia com Dunga o posto de líder do grupo; e terceiro, porque era o grande companheiro de Ronaldo ali: ele recomendara que o fenômeno fosse ao PSV, ele “emprestara” *Filé* para sua recuperação; ele fora o grande responsável pela sua afirmação como titular da seleção.

Talvez até por não querer acreditar no pior, ninguém levou a sério a contusão de Romário. Por isso e pelo histórico não muito confiável do jogador. Lídio Toledo simplesmente teimava em não acreditar na lesão de Romário e o fez treinar por três dias antes de fazer um exame e ver que estava fazendo bobagem.

Num momento em que já havia discussões médicas em grande quantidade, a descoberta não poderia ser pior. Imediatamente se levantaram casos do passado nos quais Lídio Toledo desempenhara um papel importante em decisões com jogadores. O mais conhecido era o da Copa de 1974: o volante Clodoaldo, mesmo reclamando que sentia o joelho, fora obrigado a uma preparação física pesada. Depois, foi submetido a um teste igualmente forte, e cortado com a

alegação de que não teria tempo de se recuperar. Duas semanas depois, estava jogando normalmente pelo clube. (CALDEIRA, 2002:191)

O amadorismo voltou a dar as caras. Zico foi a imprensa dizer que Romário deveria ser cortado antes mesmo de falar com os demais membros da comissão técnica. Lídio Toledo dava entrevistas dizendo que o jogador permaneceria no grupo. E Romário deixava vazar que Zico não gostava dele. Enquanto isso, Zagallo só dava uma data para a definição: 2 de junho. Até os jogadores resolveram tomar partida. Dunga e Ronaldo ficaram do lado de Romário. Foi então que o fenômeno disse uma frase que marcou toda aquela geração: “o maior adversário do Brasil nesta Copa é ele mesmo”. No dia seguinte, Romário foi cortado. Disse várias vezes que poderia jogar; falou mal de Zico, da comissão técnica inteira. Não adiantou.

A capa do jornal *O Globo* do dia 3 de junho de 1998 explicava perfeitamente o cenário: “corte de Romário deixa torcida mais pessimista”. A seleção brasileira estrearia oito dias depois. Ronaldo era agora a única esperança do sonho do penta. Podia “trazer benefícios a seus semelhantes”, com adequação do contexto, “redimir a sociedade” (CAMPBELL, 1995:36). Ronaldo tinha a chance de repetir Romário, de compensar tudo o que havia de errado e ser, ele, o herói do penta. Mas o candidato a herói carregava consigo a pressão de 160 milhões de brasileiros.

3.2. CONTRA TUDO E CONTRA TODOS

O ano da Copa começou com a imprensa evidenciando que o sucesso da seleção dependia de Ronaldo: o fenômeno era o astro da vez. O sucesso seria creditado a ele, assim como o fracasso. “Numa reportagem publicada antes do início da copa, o *Washington Post* dizia: ‘Ronaldo, fenômeno cultural. Ronaldo, o homem do futebol para ícone maior do ubíquo marketing esportivo’ (CALDEIRA, 2002:31).

A seleção brasileira começou a Copa do Mundo ganhando, mas jogando bem menos do que se esperava. Era o espelho do desempenho de Ronaldo: fez seu gol da primeira fase (na vitória sobre o Marrocos, segunda partida do Brasil no mundial), mas estava longe de ser o fenômeno em campo. Das três partidas da fase de grupos, a seleção venceu duas (perdeu a última para a Noruega).

Nesse momento, apesar da classificação, a crise na seleção brasileira explodiu. Todos os principais jogadores da equipe passaram a reclamar dos claros erros de escalação e do ineficiente esquema tático de Zagallo. Até Ronaldo. Só não reclamava Dunga, que fazia greve de silêncio. A divulgação, no dia seguinte, de fotos de Romário

jogando futevôlei na praia da Barra não ajudaram em nada. Mas nada como um jogo após o outro.

Nas oitavas de final, a seleção pegou o Chile, freguês histórico. Vitória por 4 a 1 e o segundo gol de Ronaldo na competição. Mas o amadorismo instaurava crises.

O doutor Lídio Toledo viu as fichas dos jogadores após o jogo e se alarmou. Chamou a imprensa para dizer que Ronaldo estava sete quilos mais gordo e precisava fazer um regime (...). Os jornalistas foram procurar o atacante. Encontraram-no sozinho, sem a namorada. Ronaldo disse que aquilo era besteira do médico – e então alguém perguntou por que ele estava sozinho. Disse que Suzana não tinha folga (...). Antes que a noite terminasse, começaram a circular rumores de que o casal tinha brigado, e de que Suzana estava tendo um caso (...). (CALDEIRA, 2002:198)

Se a crise com a namorada e o excesso de peso não passavam de boato (o próprio médico da seleção desmentiu), as dores no joelho eram bem reais e começavam a impedir Ronaldo de treinar.

Com dificuldades para finalizar, ele foi bem contra a Dinamarca na função de assistente: deu dois passes para gol na vitória por 3 a 2, que levou a seleção para a semifinal da Copa. Mas todo mundo já começava a se preocupar com Ronaldo.

Às vésperas da partida contra a Dinamarca, os empresários do jogador começaram a temer por Ronaldinho. Sabiam que ele não tinha nada no joelho que pudesse comprometer suas atuações e estranhavam o fato de ele não manter a regularidade (...). (O Globo, 14/07/98 *apud* HELAL, 2003)

A redenção de Ronaldo veio justamente na partida contra a Holanda, semifinal da Copa. O primeiro jogo do torneio em que a equipe brasileira não era tão favorita assim. Ronaldo fez o gol brasileiro em uma de suas clássicas arrancadas. A Holanda empatou no final, levando a partida para a prorrogação, mas, nos pênaltis, avançou o Brasil. O gol trouxe a imprensa para o lado do fenômeno novamente.

Ao mesmo tempo em que driblava os zagueiros, marcava gols e fazia jogadas inesquecíveis, Ronaldinho se acostumou a ouvir todo tipo de crítica. (...) A resposta aos críticos – muitos deles exagerados – veio após os 120 minutos jogados contra a Holanda (...) Ronaldinho sabe que sempre esteve ligado a cobranças. O falatório em torno de seu nome aumentou na Copa. Praticamente todas as revistas esportivas da Europa estampam a foto do craque na capa. ‘Aprendi a conviver com cobranças. Foi assim quando fui para o Internazionale. Diziam que eu não me adaptaria ao estilo do futebol italiano, que tem marcação mais dura que na Espanha’ (Jornal do Brasil, 08/07/98 *apud* HELAL, 2003)

A vitória sobre a Holanda colocou Ronaldo exatamente onde ele queria estar. O herói de catalães e italianos agora teria a chance de se tornar herói do Brasil. Como Romário fora o “herói do tetra”, Ronaldo tinha tudo para ser o “herói do penta”. O

palco estava montado: a final seria contra a seleção da França, que tinha a força de jogar em casa, mas que, como equipe, não chegava a colocar medo.

3.3. ***OBSTÁCULOS INTRANSPONÍVEIS***

Ronaldo tinha a chance de ser muito mais do que um herói nacional. A final da Copa do Mundo de 1998 redefiniria de forma definitiva o esporte no mundo. Era a primeira Copa realmente global. Os números, à época, já impressionavam. E haveria muito mais do que o jogo em campo sendo jogado.

A final seria entre o Brasil, quatro vezes campeão e patrocinado pela Nike, e a França, com dois terceiros lugares no currículo e o apoio da Adidas. As televisões tinham programado 5760 horas de transmissão. O jogo seria visto por 1,7 bilhão de pessoas. Os organizadores da Copa tinham faturado 500 milhões de dólares. O negócio do futebol movimentava 256 bilhões de dólares anuais em todo o planeta. Este conjunto de números pesados e novos indicava algo. (CALDEIRA, 2002:31)

Em 1998, pela primeira vez, a FIFA decidiu escolher o melhor jogador do torneio antes da final, justamente para deixar o evento ainda mais espetacular. Ronaldo era o favorito. Talvez nem tanto pelo que havia jogado durante a competição, mas pelo que vinha fazendo nos últimos anos e pela total falta de concorrentes. Ronaldo era o homem do momento. “O escolhido pelo voto não seria exatamente o melhor jogador apenas tecnicamente, mas sim o homem de um novo tempo, o candidato a montar uma corporação sobre sua pessoa, a ganhar muitos milhões com o sucesso” (CALDEIRA, 2002:31).

Com a escolha sendo definida antes da final, Ronaldo foi de fato eleito o melhor jogador do mundial de 1998, algo que muito provavelmente não teria acontecido se a votação aguardasse o término da última partida da Copa do Mundo mais importante – em termos de negócio – de todos os tempos.

A derrota por 3 a 0 da seleção brasileira para a França não foi tão surpreendente quanto a fraca atuação do time de Zagallo e, claro, o que aconteceu com Ronaldo. Nunca se soube – e possivelmente nunca se saberá – exatamente o que aconteceu com Ronaldo nas horas que antecederam à partida no *Stade de France*. Muitos falam em convulsão, outros em um distúrbio do sono, mas o próprio Ronaldo não guardou lembranças daqueles momentos.

Os relatos jornalísticos dizem que Ronaldo, depois de ir a uma clínica e ser considerado saudável, foi ao estádio e pediu para jogar. As teorias de conspiração – de quem ainda se acostumava à “mercantilização do futebol” – diziam que a Nike obrigara o fenômeno a entrar em campo. Ronaldo, após a derrota, assumiu a culpa, chamou toda

a responsabilidade para si (e a comissão técnica e os demais jogadores não hesitaram em jogar toda a pressão para cima do astro do time, que tinha na época ainda 21 anos de idade). Lídio Toledo, o médico da seleção brasileira, chegou a dar três diagnósticos diferentes para o caso. “Nunca uma derrota futebolística brasileira gerara uma oportunidade jornalística desta riqueza” (CALDEIRA, 2002:230). A imprensa foi atrás, percebeu que a história estava muito mal explicada e fez o que ninguém fazia com Ronaldo havia quatro anos: humanizou o mito. Vejamos alguns trechos de reportagens do pós-final:

A maneira como Ronaldinho atendeu à imprensa ontem, por trás das grades do condomínio em Jacarepaguá, reflete o estado de espírito do craque. ‘Parece que estou numa prisão. Estão tentando botar em mim a culpa pela derrota’, protestou (...) ‘Ele é apenas um garoto de 21 anos que tem o direito de levar uma vida um pouquinho normal’, pediu o empresário do jogador, Reinaldo Pitta’ (Jornal do Brasil, 17/07/98 apud *HELAL*, 2003)

Nélio, pai de Ronaldinho e acostumado a só ter boas notícias do craque, teve uma noite de pesadelo. Viu o filho, chamado por muitos de fenômeno e tratado pela mídia como um super-homem cercado de dinheiro e belas mulheres, se transformar de novo no menino desamparado em busca do colo paterno (...) ‘Ronaldo não parava de chorar, só queria ficar abraçado comigo. (...) É hora da família dar uma força para o menino. (Jornal do Brasil, 14/07/98 apud *HELAL*, 2003)

O fenômeno é muito mais humano do que se gostaria a brava gente brasileira. Ronaldinho sentiu a pressão de ser o melhor do mundo e estar decidindo o Mundial. Teve problemas neurovegetativos (segundo o jargão médico) que resultaram em complicações estomacais e até convulsões – tudo causado pela ansiedade (...) Aos 21 anos, o Fenômeno sentiu o peso das cobranças. A juventude do maior craque brasileiro é uma razoável explicação para se mau desempenho. (Jornal do Brasil, 13/07/98 apud *HELAL*, 2003)

O fracasso do dia 12 de julho de 1998 parecia ter enterrado a candidatura a herói de Ronaldo, mas o que se viu foi justamente o contrário. Pôde-se perceber pela construção social midiática que a derrocada do ídolo só serviu para aproximá-lo dos torcedores. De volta ao Brasil, a seleção – e especialmente Ronaldo – foi aplaudida.

A definição de herói encontra algumas situações paradoxais entre os diversos autores que sobre ela discorrem. Em alguns momentos de sua trajetória, ele pode ser derrotado, pode simplesmente não ser capaz de superar algumas dificuldades. Para Campbell (1995), situações como essa são necessárias para que o herói “volte renascido, grandioso e pleno de poder criador”. A final da Copa do Mundo de 1998 acabou sendo o paradoxo de Ronaldo: uma derrota que lançou as bases para que o fenômeno começasse a inverter a saga clássica do herói.

A trajetória de Ronaldinho, iniciada primeiro como mito, passa a ganhar agora um contorno mais humano, que fala de desafios, provações e superação de obstáculos, fundamentais na construção da narrativa mítica da saga do herói. (HELAL, 1998:13)

O que parecia ser o fim da trajetória heroica de Ronaldo acabou abrindo caminho para uma odisseia ainda mais marcante.

4. A CONSAGRAÇÃO

A saga clássica do herói descrita por Joseph Campbell (1995) fala de alguém que “parte do mundo cotidiano”, “encontra fabulosas forças”, “obtem uma vitória decisiva” e “retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. Ronaldo, no entanto, fez o caminho inverso: conforme explica Helal (2003), ele começou como mito.

Até a Copa de 1998, a narrativa impressa em torno de Ronaldinho não falava de superações, proações, obstáculos nem tampouco de redenção e glória. Sua trajetória tinha sido iniciada curiosamente como mito. Ronaldinho não era “o fenômeno” somente devido às suas qualidades excepcionais para a prática do futebol. Jovem, rico, eleito por duas vezes consecutivas o melhor do planeta, ele era o atleta mais festejado pela mídia internacional. Até então não tínhamos presenciado fenômeno semelhante de narrativa mítica, iniciada de forma tão meteórica e espetacular, sem que o ídolo esportivo tivesse superado obstáculos e proações no caminho e nem ao menos tivesse conquistado um triunfo para dividir com a comunidade. (HELAL, 2003: 108)

12 de julho de 1998 parecia ser esse grande obstáculo que Ronaldo, de certa forma, precisava para trilhar o caminho heroico. A humanização advinda daquele momento, a aproximação com os torcedores, tudo dava àquele momento ares de um trampolim para uma história de superação. Em quatro anos, Ronaldo teria mais uma chance em uma Copa do Mundo, dessa vez mais experiente. Mas os quatro anos que se seguiriam seriam alguns dos mais difíceis de sua vida.

4.1. O CALCANHAR DE AQUILES DO FENÔMENO

Apesar do fracasso, Ronaldo voltou da Copa do Mundo contando com o apoio tanto de Massimo Moratti, presidente da Inter de Milão, quanto da Nike. Já tinha dado provas de que venciam mais do que perdia, de que apostar nele no longo prazo era um excelente negócio.

Em campo, a nova temporada dava ao craque motivos para sonhar: ganhou a camisa 9, antes vestida por Zamorano, e viu o clube finalmente trazer um outro grande jogador para dividir com ele o peso de decidir os jogos: Roberto Baggio (aquele mesmo que, em 1994, perdera o pênalti que deu ao Brasil o tetracampeonato).

Mas havia um problema sério que não podia ser ignorado. As curtas férias foram suficientes para amenizar as dores no joelho, mas bastaram alguns poucos jogos e treinamentos para elas voltarem. Uma decisão tinha que ser tomada: tentar administrar o problema, poupando Ronaldo de treinos e jogos menos importantes, ou mandar o

fenômeno para a sala de cirurgia. Escolherem o primeiro caminho e o desempenho do craque caiu muito: ele jogava pouco e mal. E nessas horas, a imprensa joga contra.

Todo esse movimento ia acentuando o processo da destruição do ídolo por seus adoradores da véspera. Esta era uma consequência tão inexorável quanto nefasta da superexposição à mídia (CALDEIRA, 2002:248)

Pela primeira vez, os empresários de Ronaldo falhavam gravemente. Enquanto ele pouco jogava, os compromissos comerciais se multiplicavam, o que ajudava a deteriorar ainda mais a imagem do jogador para torcedores e imprensa. No final de 1998, depois de uma temporada de fisioterapia com Filé no Rio de Janeiro, Ronaldo foi recebido pelos torcedores da Itália com pedras em seu carro. O fim do relacionamento com Suzana Werner também não deixava Ronaldo muito tranquilo.

A crise só não chegou à seleção brasileira porque, depois de 1998, as coisas mudaram um pouco. Saiu Zagallo e chegou Vanderlei Luxemburgo, que publicamente colocava Ronaldo como o principal jogador do time. Para melhorar, estava surgindo naquele momento um outro jogador, jovem como era Ronaldo quando chegou à seleção e com o mesmo nome. Logo na primeira competição que disputaram juntos, a Copa América de 1999, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho se entenderam muito bem. Ainda naquele ano, o fenômeno contrataria, finalmente, um assessor de imprensa: Rodrigo Paiva, que mais tarde se tornaria assessor da Confederação Brasileira de Futebol (cargo que ocupa até hoje). Pode parecer incrível, mas até este momento o jogador de futebol mais requisitado do planeta cuidava pessoalmente de sua agenda com a imprensa.

A vida de Ronaldo mudou em 1999. Fora de campo, as coisas estavam melhores do que nunca: conhecera Milene Domingues, com quem se casaria e teria um filho. Mas, na Inter de Milão, muitos problemas: chegaram o técnico Marcello Lippi, o artilheiro Vieri e a promessa de acabar com a tal da “Ronaldodependência”;

Para piorar, em novembro deste mesmo ano, Ronaldo pisa num buraco durante uma partida contra o Lecce e agrava a lesão no joelho. A cirurgia se torna inevitável e o tempo estimado de recuperação era de, no mínimo, três meses.

Milene Domingues entrou em trabalho de parto no dia 6 de abril de 2000, uma semana antes da volta de Ronaldo aos gramados, uma sequência de acontecimentos que deixou o craque bastante otimista: “vai ser uma semana mágica. Nasceu meu filho e vou voltar a jogar futebol. De uma só vez, a vida me deu dois presentes. A vida é bela”, disse ele à imprensa.

O dia 12 é bastante simbólico para Ronaldo: o golaço histórico em Compostela no dia 12 de outubro, a final da Copa de 1998 em 12 de julho. No dia 12 de abril, Ronaldo voltava aos gramados contra a Lazio, jogo válido pela Copa da Itália. Vejamos como a imprensa no Brasil tratava esse retorno:

Hoje à noite, depois de quatro meses de uma dolorosa e sofrida ausência dos estádios, Ronaldo, se apresentará no Olímpico de Roma novamente com a obrigação de salvar o Inter do mais complexo e vexaminoso fracasso. A expectativa e a exigência dos torcedores do Inter (...) são a de reencontrar no Ronaldo que na Itália foi promovido a 'fenômeno', um autêntico e milagroso Super-Fenômeno. Tudo o que o Inter perdeu de modo inexplicável ao longo da temporada (...), todos esperam que Ronaldo remedeie e reconquiste durante os poucos minutos em que será autorizado pelo técnico (...) a entrar em jogo. (Jornal do Brasil, 12/04/2000 apud *NETO, 2000*)

Entrou no segundo tempo para viver o momento mais dramático da carreira.

Pouco antes dos 20 minutos do segundo tempo, Ronaldo domina a bola alguns metros antes de Fernando Couto e se prepara tentar a jogada que o transformou no fenômeno: os dribles em arrancada. Passa o primeiro pé pela bola mas, antes de conseguir passar o segundo, o tendão recém-operado não aguenta. No chão, o fenômeno caído gritava, chorava, urrava em um misto de dor, pavor e incredulidade. Todos no estádio e no mundo mostravam preocupação, sabiam o que aquilo tudo significava. Enquanto ele deixava o campo na maca, o silêncio no estádio era quebrado por gritos de “Ronaldo!” vindos de todos os setores das arquibancadas.

Pela segunda vez na ainda curta carreira, o mito era trazido de volta ao mundo real. A capa do jornal *O Globo* no dia seguinte mostrava muito bem a gravidade do acontecido: “Ronaldinho: o medo do fim”. A *Folha de São Paulo* anunciava: “Ronaldo: uma tragédia”. No texto, o temor de todo o povo brasileiro:

E, hoje, além de uma provável transferência para Paris, a decisão sobre uma nova operação, que pode definir o futuro de sua carreira ou até mesmo encerrá-la, não pela gravidade da contusão, mas pelo trauma de mais um longo período de recuperação. Uma carreira fulminante, que o levou de um modesto Cruzeiro para o poderoso futebol europeu com apenas 17 anos. E que, três anos mais tarde, o elevou ao posto de melhor jogador do mundo em eleição promovida pela Fifa. E que teve seu ponto de inflexão na Copa do Mundo de 1998, na França, quando sofreu uma crise nervosa, horas antes da decisão, o início da derrota brasileira. O início de um período marcado por contusões, confusões em sua vida particular e descrédito. Ronaldo, 23, parece já ter vivido toda uma vida. (Folha de São Paulo, 13/04/2000 apud *NETO, 2000*)

A nova e mais grave lesão de Ronaldo dividiu a imprensa brasileira. Alguns veículos passaram a tratar o jogador como um caso sem solução, apostando que a carreira do fenômeno acabava ali.

Nunca o título de melhor do mundo caiu tanto em descrédito. E aquele que era tido como unanimidade do esporte, Ronaldo, 23, atacante da Inter de Milão, vive um hiato cada vez mais duradouro em sua carreira. Eleito pela multinacional de material esportivo como a estrela do futuro, Ronaldo acometido por uma série de problemas físicos, está na geladeira. (Folha de São Paulo, 16/04/2000 apud *NETO, 2000*).

Especialista afirma que o 'Fenômeno' acabou. (Estado de São Paulo, 14/04/2000 apud *NETO, 2000*)

Os comentários sobre a volta de Ronaldinho em condições ideais são numerosos, mas sem muita certeza. O mesmo se pode dizer dos meios de divulgação europeus, jornais e emissoras de televisão. Alguns dão como praticamente encerrada a carreira do 'fenômeno'. (Estado de São Paulo, 14/04/2000 apud *NETO, 2000*)

O 'Fenômeno' que levou multidões ao estádio (...), acabou. A opinião é do ortopedista Moisés Cohen, chefe do Centro de traumatologia de Esporte da Escola de Paulista de Medicina. (...) Infelizmente ele vai ser um jogador comum, porque não terá mais aquele arranque e a velocidade que sempre o caracterizaram: será um outro Ronaldinho. (...) Da outra vez foi uma ruptura parcial do ligamento patelar. Desta vez, a ruptura foi total. (...) Não posso comentar se houve erro ou não na cirurgia, mas lembro que nunca havia escutado antes o nome de Gérard Saillant. (...) Nenhum dos meus colegas conhecia o Saillant. (Estado de São Paulo, 14/04/2000 apud *NETO, 2000*)

Esse tipo de pensamento era recorrente não só no Brasil, mas no mundo todo. Algo que fez o próprio cirurgião que operou Ronaldo apelar para que esse tipo de abordagem cessasse, mas nem isso era capaz de amenizar o clima de pessimismo.

O cirurgião ortopédico francês Gerard Saillant (...) fez ontem um apelo para que cessem as especulações acerca da recuperação do jogador. Ele declarou esperar que alguma personalidade brasileira do meio esportivo faça comentários favoráveis a seu trabalho para que a imprensa e alguns colegas médicos parem de critica-lo. Embora Saillant tenha se mostrado otimista com relação a recuperação do jogador, dentro de sua própria equipe há questionamentos sobre a volta do craque. (Folha de São Paulo, 19/04/2000²)

Outra consequência da lesão de Ronaldo na mídia foi a busca por culpados. Afinal, na visão geral, acabava na Itália, naquele dia, a grande esperança de vitória do futebol brasileiro na Copa de 2002, morria ali o sonho do penta. E alguém parecia ter que pagar por isso. Fosse o cirurgião francês Gerard Saillant ou até mesmo o fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé.

Os médicos acreditam que pode ter havido precipitação na liberação do atleta para voltar aos gramados (...). O tempo médio para liberação de um atleta com problemas similares aos de Ronaldo é de 16 semanas (4 meses), mas as exigências que envolvem um jogador como ele podem ter precipitado a decisão médica. Ele estava visivelmente fora de forma, bem acima do peso- afirma o ortopedista João Ellera Gomes (...). O ortopedista Ivan Pacheco, especialista em

² Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1904200018.htm>>, acessado em: 10/10/2013

trauma do Esporte, afirma que serão necessárias entre seis a meses para recuperação. Se a recuperação não for apressada por outros interesses, as chances de Ronaldo são boas. (Zero Hora, 14/04/2000³ apud *NETO, 2000*)

O fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé, contratado pela Inter a pedido do próprio jogador, apressou-se em retocar o diagnóstico: 'Ele jogará ainda este ano'. As profecias deste tipo fortalecem sua candidatura ao papel de vilão. (Época, 17/04/2000³ apud *NETO, 2000*)

Zico acha que a confiança excessiva de que o Fenômeno deposita no fisioterapeuta o impediu de consultar outros especialistas (...) O Filé tem uma preocupação de recuperar Ronaldinho em tempo recorde. Isto é prejudicial, disse Zico. E já ficou comprovado que essas recuperações mágicas que o Filé faz no Ronaldinho não adiantaram nada. (Jornal do Brasil 15.4.2000³ apud *NETO, 2000*).

Com vinte e cinco anos de experiência de reabilitação esportiva(...), o fisioterapeuta Nivaldo Babo tem uma certeza: o estabelecimento de prazos recorde para volta de Ronaldinho aos gramados tem sido prejudicial ao jogador. (...) 'O que posso dizer é que não concordo com muitos dos procedimentos adotados pelo Filé na recuperação de Ronaldo', disse Nivaldo Baldo. O Filé utiliza treinamento na areia e saltos na cama elástica que eu considero completamente inaceitáveis. (Jornal do Brasil 14/04/2000³ apud *NETO, 2000*)

Desconfio que pressão da vaidade dos médicos e dos fisioterapeutas ansiosos para bater recordes de recuperação, tenha pesado, acredita Tostão. (Isto É 19/04/2000³ apud *NETO, 2000*)

Houve também segmentos que buscassem uma explicação psicológica para o ocorrido.

Pelo menos no plano psicológico, Ronaldo já está totalmente recuperado. Esta é a constatação da psicóloga Bruna Rossi, que trabalha para Inter. Segundo Bruna, Ronaldo é uma pessoa "muito sólida e reagiu de maneira magnífica diante da contusão. Ele não tem talento apenas nas pernas. Tem um cérebro fantástico. Sua decisão de continuar a jogar é absolutamente ponderada'. Para Bruna as dificuldades (...) vão ajudar a complementar sua maneira de ser no futebol(...). Ele já aprendeu a trabalhar na dificuldade. (Folha de São Paulo. 18/04/2000³ apud *NETO, 2000*)

Tudo devidamente rebatido pelo próprio Ronaldo, que insistia em defender todos os profissionais que haviam trabalhado com ele e parecia não ter dúvidas de que daria a volta por cima: "o guerreiro está ferido, mas não morreu. Vou retribuir todo esse carinho que recebi. Não sei quando, mas sei que vou", disse Ronaldo na edição de *O Globo* do dia 17 de abril de 2000. Mas, a frase mais célebre de todo esse período foi outra: "Agora é hora de sair de cena, deixar de ser protagonista"

³ Trechos de reportagens disponíveis em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/fcd72fffde56f4142b3e5ad0441e2f09.pdf>>, acessado em 10/10/2013

A era dos achismos, reinaugurada na imprensa a cada grande acontecimento – e a lesão de Ronaldo não foi exceção – gerou até uma autocrítica no artigo intitulado “O joelho da discórdia” publicado na edição de maio de 2000 da revista *Placar*:

De uma hora para outra, todo o mundo passou a “achar” alguma coisa sobre o que aconteceu com o fenômeno. Mais que isso, todo mundo se sentiu na obrigação de achar. Acusar os médicos, a Inter, a Nike ou a quem quer que seja de precipitação. (...) Foi uma avalanche de gente querendo aparecer (...) Ronaldo pode ter sido vítima da fama, mas não foi a única. Tem muita gente por aí vendendo credibilidade em troca de cinco minutinhos dessa mesma mercadoria (Placar, maio/2000³ apud *NETO, 2000*)

Apesar das críticas que vinham de todos os lados e da lesão de maior gravidade, Ronaldo repetiu o mesmo procedimento que adotara à época da primeira lesão. Foi operado pelo francês Gerard Saillant e confiou sua recuperação a Nilton Petrone, o Filé, só que dessa vez os dois profissionais trabalharam junto na elaboração de um planejamento a ser percorrido.

Ronaldo naquele momento era um ídolo caído. Na saga do herói, teria de enfrentar seu último grande obstáculo, uma lesão que o deixaria parado por quase dois anos. Era o momento de maior humanização do fenômeno desde quando chegara ao Cruzeiro. Ao seu lado, no entanto, estava o povo brasileiro, que se identificava com ele, com os muitos obstáculos que teimavam em bloquear o caminho do menino que saiu da periferia do Rio de Janeiro rumo ao sucesso absoluto. Mas seria justamente esse último e maior obstáculo que abriria para o fenômeno a porta da eternidade.

(...) o processo de humanização do mito elaborado pela sociedade (...) lança as bases para uma nova narrativa mítica em torno de Ronaldinho como o herói da seleção. (HELAL, 1998:13)

Ronaldo teria agora a chance de se tornar um herói cada vez mais próximo do povo. Umberto Eco (1979) citava o exemplo do personagem do “Super-Homem”, dotado de poderes inimagináveis mas que, durante o dia, vivia disfarçado como o jornalista *Clark Kent*:

(...) através de um óbvio processo de identificação, um contador qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade. (ECO, 1979:247)

Mais do que a identificação por simples aproximação, o Super-Homem passa a representar toda uma classe de homens subjogados e oprimidos, que não tiveram exatamente a vida dos sonhos.

Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e os seus poderes, mais que sobrenaturais, são a alta realização de um poder natural (...). Mas numa sociedade particularmente nivelada, em que as perturbações psicológicas, as frustrações, os complexos de inferioridade estão na ordem do dia (...) o herói positivo deve encarnar, além de todo limite pensável, as exigências de poder que o cidadão comum nutre e não pode satisfazer. (ECO, 1979:245/246)

Era essa a situação em que Ronaldo se encontrava naquele momento. Mais do que os dribles, as arrancadas e os golazos, o “superpoder” de que ele precisava, agora, era muito mais humano: o da superação. O fenômeno tinha que dar a volta por cima, provar que todos que o condenavam a um fim de carreira precoce estavam equivocados. E isso o transformaria em um herói do povo.

Oito meses depois da cirurgia, no final de 2000, Ronaldo foi liberado para fazer treinos físicos em 20 de dezembro; em março de 2001, disputou uma partida amistosa entre estrelas do esporte, aquelas típicas de final de ano: fez cinco gols; em 15 de abril, cerca de um ano depois da contusão, treinou pela primeira vez com o restante do elenco da Inter de Milão; em 18 de agosto de 2001, a primeira partida oficial pela Inter e o primeiro gol. Ronaldo estava de volta, mas se o joelho parecia 100% recuperado, agora eram as contusões musculares que o atrapalhavam, algo até esperado devido ao tempo em que ficou parado. Chegou a ser convocado para a seleção brasileira algumas vezes, dessa vez por Luiz Felipe Scolari, mas não chegou a jogar por causa desses problemas. O caminho de volta ao topo seria árduo.

4.2. OS ÚLTIMOS DEGRAUS

O ano da Copa do Mundo que precisava ser a de Ronaldo começou como uma grande incógnita. Acabava de voltar de lesão e ainda havia jogado pouco. Ronaldo só não havia sido esquecido porque contou com o apoio de parte importante da estrutura que ele montara em torno de si próprio: os patrocinadores. Em uma época em que ele passava a ser chamado de “fenômeno de marketing” pela maior presença em ações comerciais do que em campo, foram justamente essas oportunidades que mantiveram o fenômeno vivo. Afinal, futebol é um jogo em que as opiniões contam quase tanto quanto o que acontece dentro de campo. E graças a essa estrutura, a torcida continuava mantendo uma avaliação positiva sobre Ronaldo.

Apesar disso, o ano da “Copa de Ronaldo” começou com todo o protagonismo dedicado justamente ao homem que fez essa previsão. Imprensa e torcida só falavam de uma coisa: aos 36 anos, teria Romário condições de disputar mais uma Copa? O jeito

pouco profissional do baixinho não agradava Felipão, mas a única chance que ele teria de não levá-lo ao mundial era a recuperação de Ronaldo. Hector Cúper, técnico da *Internazionale*, no entanto, não o escalava, num misto de precaução e ceticismo. A briga entre os dois treinadores se tornou pública: Ronaldo se tornou titular da seleção brasileira (e jogava ouvindo a torcida gritava por Romário) enquanto nem no banco da Inter ficava. E foi nessas condições que Felipão garantiu publicamente que ele iria para a Copa do Mundo. Só aí Ronaldo começou a ganhar chances como titular na Inter. Na principal delas, o jogo que decidiria o título do campeonato italiano, ele voltava ao palco do mais triste episódio de sua história profissional: o estádio olímpico de Roma. Pela primeira em dois anos formaria a dupla de ataque titular do time com Vieri. A Inter perdeu para a Lazio por 4 a 2 e os jornais colocaram a perda do título na conta de Ronaldo. “A foto de todos os jornais não foi a de Cúper, mas de Ronaldo chorando no banco, depois de ser sacado no início do segundo tempo. Para os torcedores, a mensagem era: ele nos fez perder” (CALDEIRA, 2002:305).

Seria o último e melancólico capítulo de sua passagem pela Inter de Milão.

4.3. ENFIM, HEROI

Se os dias que antecederam a Copa do Mundo de 1998 foram de muita expectativa sobre o desempenho de Ronaldo, o ceticismo e a desconfiança em torno do craque dominavam a imprensa nacional às vésperas do mundial de 2002, disputado no Japão e na Coreia do Sul. Algo totalmente compreensível, tendo em vista o momento do craque, que havia acabado de se recuperar de uma grave lesão. Exemplo dessa desconfiança da mídia é a entrevista com o jogador publicado na edição de 31 de março de 2002 com o título de “Somente o título mundial fará as pessoas esquecerem de 98”, algo que o próprio jogador disse na reportagem: “(...) as pessoas só vão esquecer aquela derrota quando eu ajudar o Brasil a conquistar o título de campeão do mundo. E acredito que isso seja possível já na próxima Copa” (O Globo, 31/03/2002⁴).

No “pré-Copa”, Ronaldo chamou para si a responsabilidade. Queria que aquela fosse a sua Copa do Mundo. Isso não era exatamente uma necessidade, afinal, aos 25 anos de idade, ele teria pelo menos mais um mundial pela frente se nada de excepcional acontecesse em sua carreira. Mas ele queria que fosse em 2002. “Isto confirma a

⁴ “Somente o título mundial fará as pessoas esquecerem de 98”, *O Globo*, 31/03/2002, caderno de esportes, página 41

hipótese de que a trajetória de Ronaldinho rumo ao posto de herói da seleção será sempre iniciada com a derrota para a França em 1998”, conforme concluiu Ronaldo Helal (2003:111).

Mas, assim como acontecera quatro anos antes, a participação de Ronaldo na Copa era bastante discutida. Enquanto Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo viviam grande fase e Romário fora deixado de fora, muita coisa jogava contra Ronaldo: estava sem ritmo de jogo (até por conta da lesão), estava (e agora isso era fato) fora de forma e não vinha atuando bem na Itália, de onde devia sair em breve. Seria um mundial de provações para o candidato a herói. “Teria de enfrentar a imagem de quatro anos de derrotas pessoais. Derrotas que o levaram a um poço muito mais fundo do que qualquer craque de nível mundial jamais tinha caído” (CALDEIRA, 2002:308).

A seleção brasileira estreou na Copa do Mundo de 2002 no dia 3 de junho vencendo a Turquia por 2 a 1. Ronaldo marcou o primeiro gol dele em partidas oficiais pela seleção desde a Copa América de 1999. E o termo “fenômeno”, que não era usado pela grande mídia com regularidade desde 2000, voltou a aparecer. Mas dessa vez, Ronaldo não carregaria a pressão sozinho.

A edição do *Jornal do Brasil* do dia 6 de junho trouxe uma foto de Rivaldo e Ronaldo juntos: “dupla de ataque finalmente em alta”. Após a vitória por 4 a 0 sobre a China (segunda partida da fase de grupos, Ronaldo marcou de pênalti), *O Globo* comemorava que “o trio de erres, formado por Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo, ganha a companhia de Roberto Carlos” e celebrava mais um tento do camisa 9: “seu sorriso largo é também o da esperança da torcida quanto ao desempenho do artilheiro” (O Globo, 09/06/2002 apud HELAL, 2003).

O que se vê é que a mídia, em consonância com o contexto social em que estava inserida, ainda hesitava em colocar sobre Ronaldo a pressão de craque do time, claramente com o que acontecera em 1998 ainda em mente. Mas o candidato a herói parecia querer esse posto.

No entanto, à medida que ia marcando gols, o noticiário, ainda que de forma cuidadosa, começava a destacar Ronaldinho dos demais jogadores e contrapunha seus feitos com a desconfiança e questionamentos que perduraram até o início da Copa. Isto pode ser entendido como uma maneira de valorizar a superação de obstáculos no caminho do candidato à heróis. (HELAL, 2003:114)

Enquanto isso, Ronaldo distribuía declarações de confiança: “a cada jogo que passa vou melhorar um pouco. Se o Brasil chegar na final, estarei no ponto” (Jornal do

Brasil, 10/06/2002 apud *HELAL, 2003*); “quero ser campeão do mundo e bater a marca dos quatro gols da última Copa do Mundo” (O Globo, 11/06/2002 apud *HELAL, 2003*).

Os discursos de Ronaldo nos remetem a superação de obstáculos, recordes, enfim, nos remetem justamente à busca do fenômeno pelo posto de herói brasileiro. Ele queria isso. E a imprensa também entendeu essa aspiração. Dois exemplo deixaram isso muito claro.

No dia 16 de junho de 2002 (um dia antes da partida contra a Bélgica, válida pelas oitavas de final da Copa), o *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem intitulada “A caminho do topo”. A mensagem era clara.

A Copa do Mundo de 2002 pode ficar marcada pelo ressurgimento de Ronaldinho para o futebol. Não que o atacante tivesse dúvidas sobre a sua recuperação, (...) mas ele precisava passar pela dura prova do Mundial e mostrar de vez que pode ser de novo o Fenômeno como ficou conhecido no mundo inteiro. ‘Em nenhum momento tive dúvida (...) Mas é lógico que mostrar isso numa Copa do Mundo tem um peso muito grande’ (...) Segundo dados oficiais da Fifa, Ronaldinho é o quarto artilheiro da Seleção Brasileira, atrás somente de Pelé, Romário e Zico. Melhor, com 25 anos e ainda muito tempo de futebol pela frente, pode vir a atingir o topo. (...) Ronaldinho parece poder muito mais. (...) Ainda nesta Copa, pode passar Jairzinho e Vavá, com nove, e, quem sabe, Pelé e os 12 gols marcados em quatro Copas. (Jornal do Brasil, 16/06/2002⁵)

O mesmo *Jornal do Brasil*, dois dias depois, reafirmava a saga do herói em “Ronaldinho fazendo história”.

(...) Ronaldinho está fazendo história na Copa do Mundo. O atacante é o artilheiro da competição com cinco gols, ao lado do alemão Klose, e contabiliza nove gols em dois Mundiais que disputou como titular. Com a marca, igualou-se ao tricampeão Jairzinho, ao bicampeão Vavá e a Ademir de Menezes, da Seleção de 1950, aproximando-se dos 12 gols que fizeram de Pelé o jogador que mais marcou pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo. ‘Continuo com o mesmo objetivo, que é ser pentacampeão do mundo. Mas os gols estão saindo com naturalidade e dá para pensar em ser o artilheiro da Copa também’, afirmou o craque. (...) Há quem garanta que Ronaldinho está melhor do que em 1998 - já marcou em quatro jogos cinco gols. (Jornal do Brasil, 18/06/2002⁶)

“Ressurgindo para o futebol”, “reafirmando como craque”, fazendo história do mundial”: o que os jornais descreviam à época era a reta final da saga do herói de Ronaldo. Havia superado os “obstáculos intransponíveis” descritos por Campbell e se aproximava da derradeira vitória, de “levar benefícios aos seus semelhantes”.

⁵ “A caminho do topo”, *Jornal do Brasil*, 16/06/2002, caderno de esportes, página 41

⁶ “Ronaldinho fazendo história”, *Jornal do Brasil*, 18/06/2002, caderno de esportes, página 42

A fronteira entre a mitificação e um novo fracasso, no entanto, era tênue. Antes da partida semifinal contra a Turquia, Ronaldo sentiu dores musculares. Mas ele se recuperou e foi a campo.

Ronaldo marcou o gol da classificação do Brasil para a semifinal. Mais do que isso, o fez chutando de bico, a finalização típica de Romário. O candidato a herói do penta repetia o herói do tetra. “Destaque do Brasil: Ronaldo. O 'Fenômeno' reviveu Romário e decidiu”, era a manchete do *Jornal do Brasil* do dia 26 de junho.

Em entrevista a *O Globo* em 27 de junho, Ronaldo, em um misto de êxtase e alívio, comemorou: “meu pesadelo acabou”. E a reportagem analisava: “craque comemora o fato de ter provado a si mesmo que já superou os problemas de contusão que, por dois anos, ameaçaram seu futuro (...)” Faltava provar para o mundo.

No dia 30 de junho de 2002, a seleção brasileira enfrentou a Alemanha em Yokohama, no Japão, pela final da Copa do Mundo. No palco armado para sua consagração, Ronaldo, como se sabe, marcou os gols do título brasileiro. E entrou para a história do esporte. Era, enfim, mito, ídolo e herói brasileiro.

É principalmente a primeira dessas categorias – o tempo – que diferencia o ídolo do herói. O ídolo está ligado ao tempo cotidiano, à construção da imagem no dia-a-dia, batalha após batalha, evento após evento, dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma sequencial e gradativa. O herói vincula-se ao tempo sagrado, a um evento isolado, podendo diferentemente do ídolo, alterar sua condição em um curto espaço de tempo. (MORATO et al, 2011:2)

A imprensa consagra o herói Ronaldo. *O Jornal do Brasil* (01/07/2002) resume muito bem: “Ronaldinho vira o jogo para sempre”. E *O Globo*, em “Ronaldo volta no tempo e recupera a glória” e “Fenômeno de superação e talento”, ressalta as provações pelas quais ele passou.

Além de voar, o homem sempre alimentou o sonho de fazer o tempo voltar. Ronaldo, autor dos gols do título, conseguiu. Ele superou os traumas do passado e está nas nuvens. Quatro anos após a derrota na final contra a França, o Fenômeno recuperou em grande estilo a taça perdida. Foi o artilheiro do Mundial com oito gols, quebrando o recorde de sete, do polonês Lato, que durava desde 1974 (...). (*O Globo*, 01/07/2002⁷)

O supercraque – que, com 12 gols em Copas do Mundo, igualou a marca de Pelé na seleção brasileira – mostrou que, com a mente focada num objetivo, ninguém o segura. Ao ser perguntado se antes da final vinha a sua cabeça os problemas que teve na Copa da França, não titubeou: ‘Estou vivendo a Copa do Mundo do Japão e Coréia do Sul. A da França e o que aconteceu nela são coisas

⁷ “Ronaldo volta no tempo e recupera a glória”, *O Globo*, 01/07/2002, caderno de esportes

do passado para mim'. E foi o que se viu: um jogador de raríssimo talento, ultra concentrado no ofício. (O Globo, 01/07/2002⁸)

No dia 30 de junho de 2002, Ronaldo não completou a saga clássica do herói descrita por Campbell, mas a reescrevia. Aos olhos brasileiros, fora mito antes de ser herói. A saga do fenômeno, o futebol globalizado e a mídia que o cerca inauguraram com Ronaldo uma nova construção social midiática de mitologia.

Aos 26 anos, Ronaldo chegou ao auge dentro e fora de campo. O atleta mais midiático de todos os tempos soube ganhar seu lugar na história.

⁸ “Fenômeno de superação e talento”, *O Globo*, 01/07/2002, caderno de esportes

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ronaldo foi, sem dúvidas, um dos jogadores mais importantes do futebol brasileiro e, por consequência, do futebol mundial. Depois do título em 2002, se tornou o maior artilheiro da história das Copas do Mundo na Alemanha em 2006, com 15 gols em três mundiais. O último deles, contra a seleção de Gana na Copa do Mundo de 2006, o fez ultrapassar a marca do alemão Gerd Müller, um dos maiores centroavantes da história do futebol alemão e europeu.

Sua volta ao Brasil, para o Corinthians em 2009, foi de indescritível importância para o renascimento do futebol brasileiro, que deixou de ser mero exportador de talentos (nem mesmo os pouco talentosos conseguíamos segurar) para ser um mercado muito atraente para atletas latino-americanos e grandes jogadores já consagrados (vale lembrar os exemplos do holandês Seedorf, que veio para o Botafogo, do uruguaio Diego Forlán, no Internacional de Porto Alegre, e de Alex, que voltou para o Coritiba). Ele ajudou a fazer do Corinthians uma das marcas esportivas mais fortes do planeta.

É claro que colocar toda essa transformação na conta do “fenômeno” seria ignorar todo o contexto político-econômico, mas Ronaldo teve, sim, participação muito importante.

Depois de mais uma lesão e de muitas (e dessa vez merecidas) críticas ao seu excesso de peso, Ronaldo se aposentou em 2011, mas sua contribuição para o esporte que ele ajudou a tornar global é indelével.

A Nike, parceira de Ronaldo, durante toda a carreira, fez uma ampla campanha comercial à época de sua aposentadoria sob o slogan “para sempre fenômeno”. Um dos produtos dessa campanha era um vídeo que falava do mundo do futebol antes de Ronaldo (A.R.) e depois dele (D.R.), mostrava como aquela indústria mudara durante os 21 anos em que o *fenômeno* calçou chuteira profissionalmente.

Ronaldo visto como o cristo da bola não foi o último fruto de sua incrível capacidade de controle midiático. Hoje, não à toa, é dono de um empresa de marketing esportivo.

Membro do comitê organizador da Copa do Mundo de 2014, participante de reality show para perder peso no programa de variedades “Fantástico”, da TV Globo, nem mesmo o episódio dos travestis foi capaz de macular a imagem de um dos mais midiáticos jogadores de futebol de todos os tempos.

Nada disso, é claro, teria sido possível se ele não jogasse muita bola. O que tentei abordar aqui foi de que forma essa nova saga mítica inaugurada por ele e todo esse domínio de mídia ajudaram a colocá-lo nas listas dos melhores de todos os tempos.

O futebol globalizado é o futebol de Ronaldo, e no futebol de Ronaldo os grandes craques saem do Brasil muito cedo, sem criar raízes no país. Com sucesso, são, assim como fora o fenômeno, heróis antes para o europeus do que para seu próprio povo. Brasileiro, Ronaldo teve a chance de completar essa saga, afinal jogou em uma seleção que é, historicamente, uma das fortes do planeta. Mas o futebol da era Ronaldo abre espaços para atletas que saem de países com menos tradição no jogo e que conseguem sucesso individual. O português Cristiano Ronaldo, já eleito melhor jogador do mundo, o sueco Ibrahimovic e o galês Gareth Bale são exemplos claros disso: já são mitos para os europeus, consolidaram seus nomes entre os melhores do planeta, mas, diante da fragilidade de suas seleções nacionais, dificilmente completarão a saga do fenômeno.

A nova e invertida saga do herói é a saga do fenômeno. Uma nova forma de escrever história no esporte que envolve talvez até mais dificuldades e provações do que a clássica: a juventude, a adaptação, a pressão.

Tudo isso levou Ronaldo a um patamar onde apenas seus pés, talvez, não conseguissem. Teria Ronaldo jogado mais do que Zico, como o blog americano citado no início desse trabalho sugeriu? Coutinho e Pepe, os lendários atacantes do mítico Santos de Pelé? O próprio Romário e seus (contestáveis) mil gols?

Essa é uma área de pesquisa ainda aberta. Outros tantos trilharão o mesmo caminho de Ronaldo, alguns talvez com o mesmo sucesso. Alguns tentarão forçar suas entradas nas mesmas listas em que Ronaldo entrou.

A evolução da mídia trará também a evolução na forma de lidar com ela, assim como sua importância na construção social de lendas, mitos, ídolos e heróis.

Esse trabalho mostra como a mídia – e saber lidar com ela – pode ser determinante para a construção social de um atleta, especialmente os jogadores de futebol, que são os mais midiáticos. Nota-se, portanto, que os profissionais dessa área têm uma imensa responsabilidade: a de alimentar um esporte que vive de grandes figuras, ídolos, mitos e heróis. Trabalhar com esporte, podemos concluir, é também mantê-lo vivo.

Se o futebol pode, de certa forma, ser dividido em antes e depois de Ronaldo, o jornalismo, o marketing e toda a atividade de mídia profissional a ele relacionado também o pode.

E se melhor é um conceito bastante relativo e efêmero, Ronaldo será para sempre lembrado como um dos maiores e mais importantes atletas que já calçaram uma chuteira de travas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado** – São Paulo, Editora 34, 2002

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces** – São Paulo, Cultrix, 1995

CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. **O Poder do Mito** – São Paulo, Pala Athena, 1990

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados** – São Paulo, Perspectiva, 1979

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. Tese de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007

HELAL, Ronaldo. **Mídia, Construção da derrota e o Mito do Herói** in *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, UGF, 1998

HELAL, Ronaldo. **Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho** in *ADAMI, HELLER & CARDOSO Mídia, cultura e comunicação 2*, Arte & Ciência, 2003

HELAL, Ronaldo e MURAD, Maurício. **Alegria do Povo e Don Diego: um ensaio sociológico sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol** in *Pesquisa de Campo n° 1* – Núcleo de Sociologia do Futebol, Departamento Cultural, UERJ, 1995

MORATO, Márcio Pereira, GIGLIO, Sérgio Settani e GOMES, Mariana Simões Pimentel. **A construção do ídolo do fenômeno futebol** in *Motriz Journal of Physical Education* - vol. 17, ano 1, jan/mar 2011

NETO, Antônio Fausto. **O joelho aprisionado: estratégias mediáticas e o “caso Ronaldo”** in *Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física – Vol. 3, Ano 3* - Santa Maria: Palloti, 2000 – Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/fcd72fffde56f4142b3e5ad0441e2f09.pdf>, acessado em 10/10/2013

PILOTTO, Fátima Maria – **A fabricação dos ídolos esportivos**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1613t.PDF>> Acessado em: 25/09/2013